Tayanne Coelho Montovanelli, nascida em São Paulo no dia 14 de fevereiro de 1987.

**Jogos Olímpicos de Atenas 2004**  
Ginástica Rítmica   
**Jogos Olímpicos de Pequim 2008**  
Ginástica Rítmica

**Jogos Pan-Americanos**  
Santo Domingo 2003  
Rio de Janeiro 2007

(fonte: <http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/tayanne-mantovaneli-atleta-brasil-jogos-olimpicos.htm>)

Entrevista realizada em 08/02/11 por Kátia Rubio.

Bom, Tayanne, obrigada por você ter me recebido aqui em Cuiabá e, por favor, eu gostaria que você me contasse a sua história.

Então, primeiramente eu que agradeço essa oportunidade de tá contando e tal, né... de você ter vindo até aqui. A minha história desde o princípio mesmo?

Isso.

Começo do começo?

Da onde você nasceu, de onde você veio...

Então, eu nasci em São Paulo, mas, na verdade, os meus pais são... os dois são do Espírito Santo, mas na época meu pai estava trabalhando em São Paulo, e aí minha mãe tava lá e tal, e eu acabei nascendo lá. Mas, assim, nasci, morei acho um ano e depois meus pais conseguiram voltar pro Espírito Santo. E a minha história com a ginástica... é... na verdade eu comecei com 6 anos e na escola onde eu estudava e, assim, a minha técnica, que era a Mônica Queiroz, que foi minha técnica até o final da minha carreira, ela... a escola, acho, que era da família dela e ela dava treino pras meninas da equipe dela lá nessa escola.

Uma escola regular?

É. Escola normal. E ela treinava as meninas dela lá, a equipe dela lá. E aí eu... minha mãe sempre trabalhou muito e tal e demorava muito a me buscar na escola e eu ficava assistindo as meninas treinando. Assim, eu não conhecia até então, isso tem muito anos, assim. A ginástica nem era conhecida, nem nada, ninguém sabia o que era. Mas eu ficava lá esperando... vixi!... muitas horas e ficava vendo e comecei a gostar. Aí, chegava em casa, imitava e não sei o que e tal. Aí, eu pedi pra minha mãe, né? Eu falei: “Ai, mainha, eu quero fazer ginástica.” GRD, na época. Ai, minha mãe pra ela era até bom, porque ela tinha um motivo pra... assim, podia demorar mesmo. Aí, eu comecei a fazer e tal, aí na época as professoras achavam que eu levava jeito e não sei o que. Aí, a Mônica me chamou pra treinar junto com a equipe, assim [aspas com a mão], que era um treinamento mais... não era tão escolinha. Né, assim... Aí, eu comecei, assim...

Isso foi em que ano?

Então... 93... 93. Quando eu comecei. Aí, em 94, mais ou menos, eu já fui, assim, pro treinamento, digamos assim, né? Na verdade, acho que eram dois dias na semana ou três vezes por semana, só que assim, mais durante a tarde quase inteira. Eu fui estudar de manhã e tal. Aí, minha vida começou realmente a mudar e tudo, por conta da ginástica. Isso eu criancinha. E eu gostava muito, chegava em casa do treino e treinava também. Eu ficava... ixi... vivia por conta disso, assim. E, aí, é... deixa eu ver... Aí, eu comecei a, assim, me dar bem tal, todo mundo via que eu levava jeito e tal. Aí, em 97... Assim no começo era até engraçado isso assim, eu não tinha idade pra... pra competição mesmo, né? Pras competições do brasileiro, mas a técnica me levava mesmo assim. Eu nem sabia que eu não podia competir, mas teve um ano, assim, que ela me levou, sabe? Pra mim ver como é que era e tal... era reserva de mentira, porque na verdade eu nem podia competir, mas eu não sabia disso, assim. Aí, em 97...

Quer dizer, ela já enxergava em você, realmente, uma atleta?

É. Pois é, assim... E isso é legal, né? Porque quando você é nova é importante você ver as meninas mais velhas e tal, pra ter em quem você se espelhar, assim. Daí, em 97... aí eu fui pro Campeonato Brasileiro pré infantil, aí eu fui campeã brasileira, assim, de todos os aparelhos, assim, na competição e tal, fui super bem. Então, acho que aí que, realmente, deu aquela coisa “Essa menina realmente tem algum jeito”. Mas, assim, é... na ginástica as coisas são... é um esporte muito específico, assim, requer um biótipo muito adequado, requer condições físicas, a questão da flexibilidade e tudo, e, assim, de verdade eu nunca fui, assim, a ginasta perfeita, eu nunca fui tão magra quanto eu deveria ser, eu nunca fui tão flexível quanto eu deveria ser. Então, assim, durante o caminho até, assim... do pré infantil até eu ter chagado na minha primeira Olimpíada e tal, eu passei por alguns maus momentos, assim e tal. Porque a gente... eu falo assim... eu nem culpo muito as pessoas, porque, na verdade, a técnica que tá ali, a... sei lá, presidente da Confederação, a coordenadora da seleção, essas pessoas que estão envolvidas, aquilo ali é a vida delas, é o trabalho delas, né? Só que assim, às vezes, não que elas esqueçam, mas, assim, nós somos muito novas pra... às vezes, assim, a gente ouvia muita coisa, sabe? Assim, que poderia ter sido evitada, porque é uma criança, né? Então, assim, eu como criança já passei por muitos momentos, já ouvi, acho, que o que não devia, sabe? De sentir certas coisas de tal, assim.

De ser cobrada, é isso?

Então, não só da cobrança, mas da crítica mesmo, sabe? E, justamente por isso, eu nunca fui o modelo de ginasta ideal, mas quando você é pequena e tal e você tá nas competições nacionais e você tá ganhando e tal, você, né? Você acha que você... que você... como posso dizer, assim? Você é boa naquilo.

Tá desempenhando.

É, tô boa. E, às vezes, no meio do caminho, assim, a gente... eu escutei muitas coisas, assim, sabe? É, eu acho que é normal, né? Que todo mundo fala, qualquer pessoa que tá de sucesso, assim, fala que escutou muitos “nãos” e tal. E eu também tive os meus “nãos”, assim, digamos, né? E depois de um tempo a gente começa a entender mais essas coisas e eu consegui chegar depois e, realmente, eu não era a melhor, eu não era a mais, assim, a ginasta ideal, digamos assim. Mas, assim, por outro lado acho que eu sempre gostei muito do que eu fazia, assim.

Mas, no Brasil tinha ginasta ideal?

Olha, é aquilo, né? Tem a diferença da ginasta no papel, digamos assim, na foto, que é a que puxa a perna lá e é magra igual uma vareta, e aquela que faz lá o exercício na quadra, né? E... só que as pessoas... é isso que eu tô falando, assim, sabe? Eu entendo porque é a vida delas, é a vida das técnicas, das árbitras, das dirigentes, né? Então, assim, elas enxergavam isso e, às vezes, “a menina não tinha, assim...”, assim, era o meu caso, assim, digamos... não tô falando, assim, que eu fui... como é que eu posso dizer, assim?... fui massacrada. Não, nada disso, só que, assim, só exemplificando, assim, que a gente passa por coisas, assim, muito novinha, sabe?

Porque a carreira de vocês começa muito cedo.

Muito cedo, assim. Eu comecei com 6 anos. E, aí, quando eu tinha 10 eu fui pro Campeonato Brasileiro e aí ganhei. Então, no outro ano já tem aquela... já vira uma coisa, assim, muito... E é isso, assim, pra minha técnica... ela tinha algumas outras ginastas, né?... mas ela vive daquilo, a vida dela é aquilo, a vida dela nas mão de eu, Tayanne lá, criança, né? O trabalho dela... ela só consegue demonstrar o trabalho dela a partir daquela criança até... evoluindo pra mostrar um resultado maior. Então, assim, eu tive os meus problemas de percurso, assim, de... problema de peso, problema físico. Quando eu tinha 14 anos eu tava numa competição que chamava Quatro Continentes, que praticamente era muito importante, porque na ginástica, assim, o expoente da ginástica hoje são as europeias. Então, assim, esse Quatro Continentes dava uma possibilidade de, assim, quem não era lá do continente europeu...tirando elas quem eram as boas, né? Tipo assim. E foi um campeonato super importante na época e tal. Me preparei a beça. E foi no Brasil. Acho que foi a primeira vez que era no Brasil. Isso foi no ano 2000, acho. 2000 ou 2001, não lembro agora. E, aí, eu me machuquei, assim, no treinamento de pódio, que é um treinamento pros árbitros verem antes da competição. Aí, eu me machuquei e tal, né? Porque eu torci o joelho e tal. Aí, fiquei de fora... aí, fiquei de fora e quando cheguei em Vitória, aí, eu soube que eu tinha que operar, aí, tal. Aí, quando você é pequena, assim, pequena assim... eu tinha 14 anos, já é uma coisa meio assim... uma adolescente de 14 anos já tendo que operar por causa do esporte. Então, foi uma coisa meio assim. Aí, eu operei e tal. Aí, eu voltei a treinar, mas ainda tem aquilo, às vezes a gente volta sem estar totalmente recuperada, volta porque quer competir a competição tal e não sei o que. Só que depois disso, assim, meu joelho nunca mais foi o mesmo, assim, sabe? Então, de 2001 até 2008, que foi o ano que eu competi a Olimpíada em Beijing, que eu parei, foi um drama com esse joelho, assim. Então, assim, tive alguns anos bem difíceis, assim. Mas, aí, tá. Consegui superar e tal, até as minhas próprias expectativas e tal. Meus pais, assim, sempre me apoiaram muito também, né? E, aí, em 2003 eu fui pro Pan e, engraçado, assim, porque até então eu não tinha muita noção do que que era não, sabe? Pan, Olimpíada isso era um pouco fora da minha realidade, assim.

Você estava com quantos anos?

No Pan, em 2003, eu tinha 16 anos. Então, ainda era meio assim...

No individual?

No individual, isso. E é engraçado, porque na ginástica, até então, só uma atleta tinha conseguido ir pras Olimpíadas, da ginástica rítmica, que foi a Marta. E, assim, foi uma coisa assim super mega ultra difícil inimaginável, assim. Então... e pra mim, tipo, falar Olimpíada era.... nossa, era um sonho. Assim, a pessoa fazia entrevista com a gente lá, porque... “Ah, seu sonho?” “Eu quero ir na Olimpíada.”. Mas era sonho de sonho mesmo, de achar que é uma coisa assim inalcançável. Principalmente porque eu também enxergava que eu não era assim... né? Eu sempre fui muito assim, as pessoas sempre disseram que eu era muito esforçada, que eu era muito expressiva na quadra, talvez isso ultrapassa um pouco minhas dificuldades técnicas, assim. Mas, eu sabia que Olimpíada era um sonho assim... muito muito muito. Mas aí no ano 2000... só que assim, antes disso no ano 2000 o conjunto se classificou pras Olimpíadas. E, aí, abriu, assim, aquela porta. Nossa é possível. Isso existe. Mas, mesmo assim, né? Você olha as meninas na televisão é difícil você, assim, se imaginar...

E elas tinham ido muito bem no Pan de 99.

Foi isso. Acho que foi aí que começou a ginástica a despontar no Brasil, sabe? Porque até então as pessoas não conheciam muito, não sabiam, não tinham nem noção do que era, né? E a partir dali acho que acendeu, assim, em todo mundo uma chaminha assim, sabe? “Nossa, que esporte é esse? E tal...”. Pra mim também. Eu falei assim: “O que elas tão fazendo lá eu também posso, sabe?”. Apesar de que em 99 eu tinha 12 anos, então, assim, eu era muito novinha ainda, mas eu lembro bem, assim, das meninas todas nas Olimpíadas. Então pra mim era um sonho muito distante, assim, mas era um sonho, né? Aí, quando eu fui no Pan eu lembro que fomos eu e a Larissa Barata, que eu acho que você também vai conhecer, assim. E ela... e na época nós sempre fomos muito amigas, assim, muito unidas e nos campeonatos brasileiros sempre nós nos destacávamos muito, assim, eu e ela, né? Daí, assim, ela era mais cotada, assim, pra ir melhor e tal, ela tinha resultados melhores, assim. E acabou que no Pan eu acabei competindo muito bem e ganhei uma medalha, aí que eu acho também que os horizontes se abriram mais, assim. Eu acho que eu passei a acreditar mais em mim mesma, a minha técnica também passou a acreditar mais em mim e tal, as pessoas passaram a reconhecer um pouco mais. Então, o Pan foi um primeiro divisor de águas, assim, na minha vida. E, aí, as Olimpíadas... a primeira Olimpíada que eu fui, de Atenas, foi no ano seguinte, em 2004, que foi um convite que a gente recebeu da Confederação. Como nós éramos do individual, eu e a Larissa, a Confederação convidou, nos convidou e tal. E, aí, era a oportunidade que eu precisava, assim, que eu nunca imaginei que fosse chegar, mas chegou, assim, era real, né? Aí, eu fui, me mudei pra Londrina e tal. Passei por momentos difíceis também lá e aí... questão assim de controlar peso, de regime, de estar longe. E, assim, foi um ano um pouco difícil, mas no final das contas também...

Essa questão do controle de peso era um terrorismo pra vocês, não era?

Era. Muito terror. Muito muito. Eu até, assim... eu falo que, eu acho, esse era um pontos, eu acho, que mais faz perder bons ginastas, assim, sabe? Porque chega uma idade... Muito porque... Tem gente, tudo bem, não tem biotipo mesmo, outras, como eu, não tem o biotipo ideal, mas, também, sou uma pessoa magra, digamos assim. Só que a gente vai ficando mocinha, assim, né, dá 14 anos, 15, o corpo muda. O corpo muda, as pessoas percebem, as pessoas cobram, aí começam a colocar que você tem que fazer regime, que, assim.... coisas que hoje, eu olhando hoje, assim, eu não concordo muito, porque eu acho que uma pessoa que nem eu, que eu vejo que eu não sou uma pessoa que tem tendência a ser gorda, digamos assim, talvez eu não precisasse daquilo tudo, sabe? E quando a gente é muito nova... a gente lida já com muitas coisas. Tem a pressão do resultado, tem a pressão do treinamento, tem as dores físicas, tem tudo. E o peso, assim, influencia muito muito muito muito mesmo, assim. E eu acho que, pra mim pelo menos, quanto mais me cobravam, assim, parecia que era pior, sabe? Eu tinha uma coisa. Parece que quando ninguém tava nem aí pra mim, aí eu relaxava e dava tudo normal, agora quanto mais me cobrassem, assim, era pior. E eu acho que não era só comigo, sabe? Várias outras ginastas, amigas minhas, tiveram o mesmo problemas que eu, de ficar controlando peso, controlando peso, e quando acabou a ginástica acabou, assim. Todas magrinhas e tal. Aí, chega a dar raiva, a gente chega nos campeonatos: “Nossa, como você está magra.”. Assim, sabe? Então, teve esse lado, mas, assim, eu olho, assim... eu tenho um pouco de pena, assim, porque eu vejo as meninas tão novinhas, às vezes, sabe? E sei lá, 12 anos, 13 anos e as técnicas já começam a pegar no pé, assim, sabe? Acho até um pecado uma coisa dessas. Mas, assim, é do esporte, exigência do esporte e tal. E técnicas veem naquilo ali... é a vida, a profissão delas que está em jogo, assim, a cobrança acaba recaindo pra cima da gente mesmo.

E como é que foi a tua participação em Atenas?

Então, em Atenas a gente ficou em oitavo lugar. Pra mim, assim, meu ponto de vista, assim, eu saí super feliz, super satisfeita, porque eu acho que eu dei o meu máximo. Assim, passei pelo meu ano difícil lá em Londrina, mas, assim, no final deu tudo certo. Cheguei lá e tava magra, tava bem, acertei tudo o que eu tinha pra fazer. A gente até teve uns erros nas coreografias que poderiam ter ido... assim, o resultado poderia ter sido melhor, mas, assim, eu acho que eu não fiquei levando tanto, assim, pra esse lado, porque pra mim era uma vitória estar lá, sabe? E eu acho que é do esporte mesmo. Às vezes a gente tá super preparado e acontece alguma coisinha e dá errado. Então, no final, assim, eu saí super satisfeita, realizei um sonho de verdade. E acho que essas coisas acontecem, né? Acho que a gente... o ser humano está sujeito ao erro, o atleta mais ainda, por mais que a gente treine treine treine, essas coisas acontecem. Então, assim, eu até abstraí, nem lembro que a gente poderia ter ido melhor, que errou. Não, pra mim foi tudo lindo, foi um sonho, sabe? Eu dei meu máximo e eu só tenho boas lembranças, assim.

E quando você volta de Atenas você já começa a cultivar o desejo de ir pra Pequim? Como é que foi esse novo ciclo?

Então, olha, não. Assim, quando a gente... Como eu falei, esse meu ano lá em Londrina foi meio difícil, assim, fisicamente, pela questão de emagrecer e tal, e também meu joelho, que não estava lá muito bom já. E também a questão psicológica, assim. A gente, acho que foi muita pressão, foi um ano difícil em todos os sentidos, assim. Então, eu ficava na cabeça “Meu Deus, ai, eu quero que acabe logo, quero que acabe logo. Porque assim, foi o sonho, acabou, mas, nossa...” . Sabe? Tava... Acho que é normal também, né? A gente ficava meio assim...

Exaustão.

É. A gente tava meio assim ”Meu Deus do Céu, só quero que acabe.”. Sabe? Então, quando acabou fiquei meio naquela, né? “E agora? O que eu vou fazer?”. Mas, a primeira coisa que eu fui fazer foi tratar o joelho. Aí, quando eu cheguei em Vitória e aí fui no meu médico e tal, que já tinha me atendido. Aí, eu tive que operar de novo. Aí, dessa vez foi um problema mais grave, porque eu tive lesão de ligamento. Então, assim, requer... é um problema que requer um repouso maior tal.

A primeira cirurgia tinha sido o que?

Foi de menisco. Teoricamente, uma coisa mais simples, assim. Que eu pude voltar rápido, assim, aos treinos. Mas mesmo assim o joelho ainda não tava muito bom. Não sei... Não sei se foi falta de... se eu acabei machucando depois ou se... não sei, assim. Eu sei que meu joelho nunca foi muito bom, assim. E, aí, eu tive que operar de lesão ligamentar, que é uma lesão que requer uma recuperação mais demorada e tal. Aí, nisso eu tava em Vitória. Acabou as Olimpíadas, eu morava em Londrina, aí voltei pra Vitória. E, aí, em Vitória eu operei e tive que ficar... acho que a previsão era de no mínimo 6 meses, mas na verdade ainda precisava de mais um tempo. Aí, operei e tal. Aí, eu não lembro se eu comecei já a voltar treinar. Foram tantas coisas, assim. Mas eu acho que sim. Aí, fui meio que voltar a treinar, assim, aos poucos. E... ah, sim. Agora recordei. Eu fui voltar a treinar, aí, assim, um dia a gente coloca uns parafusos no joelho e eu voltei a treinar, assim, aos poucos lá no meu clube mesmo e nessa época a seleção tinha mudado lá pra Vitória, né? Aí, tinha voltado a treinar, tal, né? Com uma expectativa assim... Acho que, assim, a cirurgia nesse aspecto, sabe? Que eu dei uma relaxada, parei, analisei e respirei fundo, o que eu quero. Apesar de ter sido um tempo razoável, assim. Não é fácil voltar depois de muito tempo parada não. Falo... A gente tira férias de 10, 15 dias, então imagina ficar meses. Então, assim, eu sabia que seria difícil, mas eu comecei a pensar que poderia tentar de novo. Aí, tá. Aí, eu fiz essa cirurgia de ligamento e acabou dando um problema, assim, os parafusos tavam meio parecendo que tavam querendo dar uma rejeição e tal. Aí, o médico falou “Não, vamos... então vou abrir só pra gente tirar o parafuso e tal. Porque tá dando esse problema, mas fica tranquila.”. Mas ainda estava doendo, mas até então eu achava que poderia ser... não sei, né? Porque eu tava voltando a treinar agora. Aí, quando eu fiz a cirurgia, aí ele... aí, fiz e tal. Aí, quando fui pro quarto, aí o médico veio conversar comigo e com meu pai e tal. Aí, falou que na verdade eu tava com outro problema pior ainda também, que eu tinha tido uma lesão mesmo na cartilagem e tal, que ele tinha feito o procedimento lá na hora e... mas que, assim, era uma coisa demorada de novo, tive que ficar 60 dias de muleta, assim, né? E, aí, pronto, foi tudo de novo, né? Hospital, fisioterapia, sem treino, tal. Mas, fiquei com aquilo na cabeça, de querer voltar, assim, sabe? Aí, fiquei... Ainda mais porque acho que a seleção veio pra Vitória, então acaba... eu estava mais próxima, via mais as meninas e tal, e apresentando lá e tal. E, aí, eu consegui me recuperar, assim, o joelho, assim, o problema que eu tive no final das contas o médico disse, assim, que ele já, né?...”Olha eu fiz e tal um procedimento pra ajudar, mas você tem que sempre tomar cuidado, você tem que fortalecer muito, porque você vai sentir dor mesmo e tal. Então, seu único tratamento agora é ficar fazendo fortalecimento.”. E, aí, eu voltei, e aí fiquei fazendo o fortalecimento tal. E aí, surgiu uma chance de eu voltar pra seleção, porque aí as meninas estavam treinando lá e tal aí voltei a treinar aos pouquinhos e tal. E surgiu aí essa chance. Aí, na época era a Marta até a coordenadora da seleção ...[?? 22:35] e, aí, ela veio, acho que chegou a fazer uma seletiva, assim, comigo lá em Vitória e, aí, eu passei. Aí, eu passei, aí fiquei treinando lá em Vitória, né? Aí, no começo ainda tinha assim, eram em... não sei se eram umas dez meninas, eu acho, 10, 11, 12 meninas, uma coisa assim. Aí, tinha a equipe titular e a equipe reserva, né? Então, no começo eu fiquei na equipe reserva e tal. Inclusive, a gente teve uma competição aqui no [??? 23:06] internacional, aí eu fui da equipe reserva, competi na equipe reserva e tal. Aí, sim, depois desse [?? 23:13], assim, que eu acho que me apresentei bem e tal e a técnica resolveu me colocar pra titular. Aí, eu fui pra titular, isso foi no final de 2006, no final de 2006. Aí, pronto, aí voltei mesmo, assim. O joelho continuava meio ruinzinho, mas tava tratando e tal e, aí, competi. Fiquei até o Pan. Até o Pan não, né? Depois até a Olimpíada.

Sim, mas foi o Pan de 2007 no Rio?

Pan de 2007 no Rio, e aí depois teve as Olimpíadas também.

Como é que foram os Jogos aqui do Rio?

Ai, olha. Foi fantástico, assim. Eu lembro que nessa época de 2004, que foi o ano lá de Londrina, foi acho que... se não me engano foi quando anunciaram e tal que ia ser o Pan no Rio. E, aí, eu lembro que ficava naquela, não só eu, as meninas, a gente ficava “Nossa, já pensou? O Pan no Rio vai ser muito bom e tal”. Sabe, assim? A gente ficava maquinando as ideias, assim. Eu acho até que uma das coisas, assim, que me animou a voltar foi isso, porque eu sabia que ia ser legal, que as pessoas iam... assim, que ia ser importante pro país, que a gente ia ter uma chance maior de estar mostrando, que a gente ia ter mais visibilidade, que ia ser uma festa, sabe? Todo mundo queria estar nesse Pan do Rio, sabe? Foi... e foi, realmente, tudo de bom, assim. É muito legal você competir com a torcida, você poder dar oportunidade, assim, dos seus pais, dos seus amigos, dos seus parentes assistirem. É engraçado, assim, que a minha avo e meu avô, eles moram lá no espírito Santo, em Vila Velha, e eles não.... assim, não gostavam muito de viajar, sabe? Umas coisas assim. E insistiram, insistiram, insistiram e conseguiram levar... levá-los lá pra assistia o campeonato. Aí, a minha avó, até hoje, assim, eu acho a maior graça, assim, sabe? Ela fala que foi assim a melhor... como que ela fala? Os melhores dias da vida dela. Ela fala, sabe? Nossa! Fala que se emocionou demais, que nunca viu coisa tão linda, que ela nunca vai esquecer na vida dela, que não sei o que, não sei o que. Então, assim, foi ótimo nesse sentido, sabe? E, assim, tem os dois lados. Tem o lado da cobrança, que é maior mesmo. A gente sente isso, assim. Assim, por mais que nós já.... assim, nós já somos acostumadas, né? Da pressão e tal, a gente treina bastante já pra na hora estar tudo ali no automático, mas você para e pensa, assim, e fala “Meu Deus, tá todo mundo ali me assistindo, assim. É a competição quase que da minha vida agora.”. Depois que a Olimpíada passou, naquele momento era a competição da minha vida, então, dá assim uma... dá uma pressãozinha assim, dá um medinho, digamos assim. Mas foi muito bom, assim, muito bom mesmo, assim. Eu acredito que essas Olimpíadas no Rio vão ser... nossa, acho que vão ser fantásticas, porque é uma sensação, assim, indescritível, sabe? Você competir no seu país e ainda competir bem e ganhar. Nossa foi muito bom, assim. Uma festa, sabe?

Vocês pegaram medalha de ouro?

A gente ganhou todas as provas que a gente tava competindo, a gente ganhou, assim. Então, foi muito legal, assim. Foi uma festa, sabe? Então, tem isso também, a pressão de todo mundo, porque a gente tinha, na época que a seleção era em Londrina, elas ganharam o Pan em Winnipeg, ganharam o Pan em Santo Domingo, então era uma pressão danada. Tem que ganhar, tem que ganhar, né? Mas deu certo, assim, foi muito bacana, muito legal mesmo.

E como é que vocês conseguiram a vaga pra Pequim?

Pequim foi assim... Porque assim, até então, antes eram 10 vagas pra Olimpíada, aí, na Olimpíada de Pequim, aí eles mudaram e colocaram 12 vagas pras Olimpíadas. E, aí, a gente foi pro Mundial e as vagas seriam meio que escolhidas no Mundial, digamos assim. Daí, assim, os dez primeiros conjuntos estavam classificados automaticamente pro Mundial. Aí, a gente competiu nesse Mundial foi na Grécia 2007, né? Após o Pan. E nós ficamos em décimo primeiro, tipo assim, né? A vaga do automático a gente perdeu ali, só que acabou que nós... aí, a FIG sempre tem assim uma vaga que ela dá meio que de convite pro campeão do continente e a outra vaga não sei, dá pra outra pessoa também, convidada outro e tal. Só que nesse caso acabou que ela chamou exatamente os doze primeiros conjuntos do Mundial. Então assim, por mais que o nosso tenha sido mais ou menos um convite, foi e não foi, porque no final das contas...

Foi por mérito.

É, nós estávamos entre os 12. Tanto que o país que ficou em décimo segundo foi o outro “convidado”, digamos assim. Entendeu? Então, assim, nós estávamos na Olimpíada porque, realmente, nós estávamos entre os doze melhores. A gente já tinha provado isso no Mundial. Aí, foi assim.

E aí? Como é que foi Pequim?

Então, aí... tipo assim. É bem diferente, eu achei bem diferente, assim. Você competir... depois da primeira, assim, a outra, eu achei diferente. Você já sabe como são as coisas, você não se deslumbra mais com tudo, né? Então, assim. Tem esse lado, assim, você já é mais pé no chão e tal. Corre menos o risco de ficar assim, né? Ah... nervosa, deslumbrada com aquilo tudo. Lógico que sempre vai ter aquela coisa do friozinho na barriga. Isso aí não adianta, que eu acho que é mentira se algum atleta me disser que não tem, porque é difícil. Por mais que a gente treine e esteja acostumado sempre tem. Então, assim, teve esse lado, que eu já era mais velha, mais consciente de tudo, menos deslumbrada, e teve o lado também que foi, assim, uma Olimpíada fantástica, eu nunca vi, assim.... eu nunca vi, né? Mas, realmente, foi tudo assim, muito grandioso, muito bonito, tudo muito... nossa, desde a Vila, até os locais de competição. Dava gosto, assim, sabe? Foi maravilhoso. Acho até que é difícil o Brasil conseguir fazer alguma coisa parecida, porque eles lá, acho, que quando pegam pra fazer alguma coisa... nossa mãe. Então, assim, nesse sentido foi lindo, assim. Os meus pais puderam ir, então isso também pra mim foi importante, assim, sabe? Eu sabia que, provavelmente, seria minha última competição da carreira. Então, assim tinha um “q” de despedida também, sabe? Então teve esse lado pra mim ainda. E, assim, na competição no final das contas a gente acabou não indo tão bem, assim.

Você foi... aí você já foi no conjunto?

Aí é... não... é... em 2004 eu já tinha ido no conjunto, aí dessa vez eu também fui em conjunto. Nós não competimos tão bem assim e também tivemos erros e tal, mas assim, pra mim eu vejo também como uma vitória, porque eu, de novo, tive problema no joelho um pouco antes da competição, sabe? De novo a gente tava fazendo umas competições na Europa antes, era um ciclo, assim, e aí, eu me machuquei bem feio, assim, dessa vez e... tanto que quando eu voltei pro Brasil o médico meio que... quase que me tirou as esperanças, assim. Ele falou que a situação era crítica, que... aí, eu tive que ficar... acho que poucas pessoas sabem isso, assim, sabe? Mas agora não faz diferença a gente falar, né? Mas eu fiquei um mês inteiro totalmente parada, porque o médico me falou que ele só não me botava de muleta porque eu ia perder a musculatura mais ainda, mas ele alou que eu não podia fazer nada, nada, nada, nada. Se eu queria uma chance de participar das Olimpíadas ele falou que eu tinha que ficar parada. E isso, assim, foi meio... muito angustiante, né? Muito mesmo, porque... é que nem eu tô te falando, nossas férias são no máximo uma semana, 10 dias, 15 dias estourando, férias. Imagina a gente alguns meses, acho que nós estávamos a três meses da Olimpíada. E, aí, assim, foi uma barra que eu tive que aguentar e tal. Minha técnica também, assim, a Mônica, confiou em mim, assim e tal e me deu esse voto de confiança pra eu me recuperar e tudo, e foi difícil, mas no final das contas também foi, assim, aos trancos e barrancos, mas no final também consegui, dei conta do meu recado lá, sabe? E também ninguém pode falar de mim também não, porque não foi, assim... se a gente foi bem ou mal não foi por conta do meu problema no meu joelho não, sabe? Tudo o que eu tinha que ter feito eu fiz e tal. Fiz a minha parte e saí super satisfeita por isso também, sabe? Tem o lado da frustração, né? De achar que poderia ter ido melhor como um grupo todo, né? A gente sente isso. Mas, assim, como eu também era a única que já tinha ido na Olimpíada, então acho que as meninas também, assim... a pesar de tudo, acho que elas também tiveram a mesma sensação que eu tive da outra vez, tipo, o importante é que a gente veio, batalhamos, fizemos um ciclo aí, né? Quatro anos antes das Olimpíadas ralando muito, crescendo, evoluindo e no final das contas a gente tava lá por muito mérito mesmo. Então, assim, por mais que as coisas não tenham saído do jeito que a gente queria acho que todo mundo no final tava mais assim “Obrigada, Senhor porque eu tô aqui.”, entendeu? Essas coisas não deram certo, mas eu tô aqui, foi um sonho que eu realizei do mesmo jeito. Então, foi isso.

E ao longo desse período você não parou de estudar.

É, então, não, assim... é... eu entrei na faculdade bem novinha eu ainda tava fazendo individual em Vitória. Aí, eu fui pra Londrina, aí transferi... transferi o curso e tal. Aí, voltei pra Vitória, transferi de volta. E, assim, lógico que eu não fiz aquela faculdade, né? Porque é difícil, assim. A gente acaba viajando muito, mais pelas viagens mesmo, viaja demais e fica difícil conciliar. Tem que ter uma ajudinha ali também dos professores, de querer entender e tal. Mas, eu sempre soube, assim, que aquilo ali um dia ia acabar, né? Que a vida de atleta era curta mesmo. Todos os meus problemas do joelho só me fizeram enxergar mais ainda isso, que eu tinha que pensar o que que eu ia fazer, porque uma hora eu ia ter que virar gente grande. Não que eu não fosse, né? Acho até que a gente passa por muita coisa, né? A gente amadurece muito antes que outras pessoas, mas assim, de... da questão mesmo financeira, de ganhar o dinheiro, de falar “Olha, vou ser isso pro resto da minha vida.”. Então, eu... isso aí, assim, até as próprias técnicas, a própria Confederação, ela dava um suporte de “Não, gente, vamos...”... Tem a aula... a parte do treino, mas tem a parte da faculdade, da escola, então isso aí... Se eu não me engano todas as meninas, elas conseguiram estudar enquanto estavam treinando e tal. E, isso aí, eu agradeço bastante assim a eles terem dado essa chance pra gente conseguir se organizar e também a minha faculdade na época que também me ajudou bastante a conseguir conciliar. Os professores, uns menos, outros mais, né? E, aí, eu consegui, assim. Meio assim atolado, mais foi. Foi e aí eu me formei e tal. E, assim, aí até... eu me formei d=no final de 2007, aí no ano da Olimpíada foi o único que eu tava... que eu não estudava, mas assim, eu já tinha me formado. Então, pelo menos assim. E como eu sabia que provavelmente... tava meio, assim, na dúvida. É difícil a gente largar, assim, né? Mas, eu já sabia que, provavelmente, depois da Olimpíada eu não ia aguentar mais, assim. Então, eu falei “Bom, esse ano eu treino, quando acabar aí eu penso.”. Tanto que eu me formei em Direito e assim que terminou as Olimpíadas aí eu já fui fazer cursinho pra estudar pra OAB e tudo. E consegui passar logo depois, assim. Aí, foi isso.

No momento em que você saiu da competição você tinha clareza que aquilo era o fim?

Dos Jogos?

É.

É, eu tinha clareza... é... eu acho que sim, eu acho que sim. A gente fica, assim, com dó de largar, fica com medo. E uma coisa, assim, que, tipo assim, se eu pudesse dar um conselho, assim, pras outras pessoas, tirando a parte do corpo e tudo, mas quanto mais velha você fica mais fácil é competir, treinar, eu acho, assim, sabe? Na ginástica, pelo menos, ficou muito mais fácil, quanto mais velha eu estava. Então, tinha esse lado de “Nossa, agora que eu lido, assim, com a ginástica tão facilmente.” falando, sabe? Mas, por outro lado eu sabia que meu corpo não aguentava, eu já tinha feito mais do que eu precisava ter feito e tinham outras meninas novas por vir que, assim, infelizmente tem esse lado também, que, às vezes, a experiência não é, assim, totalmente valorizada quanto deveria. Tanto que uma das meninas que foi pra Olimpíada comigo, e tal, ela... assim que a gente saiu ela falou “Eu quero continuar.”, ela tava treinando e não sei o que, aí teve uma seletiva pra formarem uma nova seleção e ela foi desclassificada, tipo assim, ela não passou na seletiva. Então, assim, tinha todo esse meu lado de saudosismo e tal, mas eu sabia que, no final das contas...

Tinha prazo de validade.

É. Entendeu? A gente tem dó, mas eu sabia, no fundo eu sabia então, no fundo, que aquela minha competição ali, aquele último tablado ali, eu sabia que, provavelmente, acho que esse ia ser o último, sabe? E quando eu saí eu saí mesmo, tipo, de alma lavada. Eu falei “Nossa, acabou, assim.”, sabe? Encerrei não foi com chave de ouro, mas pra mim foi, sabe? De ouro total, assim, totalmente agradecida assim, porque fiz tudo o que eu podia, fiz tudo que eu imaginei. Que dizer, mais do eu imaginei, né?

E, aí, você foi estudar pra fazer exame da Ordem? E aí? Como é que foi a tua vida depois da ginástica?

Pois é, assim, é... No começo é meio complicado, assim, né? Tipo, acabou a Olimpíada eu lembro que eu queria... tudo que eu queria era mesmo umas férias, né? Umas férias, um descanso. E a minha mãe ela é muito ativa, assim, sabe? Ela trabalha muito e tal. E eu acho... e assim... Eu lembro de... Isso eu até conto pros meus amigos, assim, que ela não me deixava... tudo que eu... se deixar eu durmo muito, assim, sabe? Acho que eu tenho sonos atrasados, assim, acumulados pra vida inteira, porque eu durmo demais. E ela... tipo, acabou a Olimpíada, não tava com obrigação, podia ter umas feriazinhas, né? Pois minha mãe não aguentava. Ela ia lá de manhã e me puxava da cama e brigava “Vambora! Vambora! Não sei o que. Fazer alguma coisa. Não sei o que.”. Aí, pronto. Então, assim, por mais que eu... eu queria ter tido essa vida mais light, mas ela não deixou também. Mas que bom, né? Também agradeço muito a ela por isso. E, aí, acabou que “Não, vamos resolver sua vida. Nanana nanana.”. E, eu falei “É, então tá bom. Vou fazer... quando que vai ter uma prova da OAB agora. Vou estudar.”. E entrei no cursinho, e aí minha vida começou a virar isso aí. Estudar, né? Já que eu me formei em Direito, então o que que eu tenho que ser? A princípio, advogada. Então primeira coisa que eu preciso fazer é o exame da Ordem. Aí, fiquei lá, fazendo cursinho, estudei, estudei, estudei. Aí, a prova foi em... final de 2008, início de 2009, uma coisa assim. Aí, e fiz a prova. Tá. Aí, fiz, tal, passei. Aí, e agora? Agora fiquei meio assim e tal. Minha mãe “Não vai estudando aí pra concurso se for o que você que aí, que a gente aguenta aqui, a gente dá o apoio.”. Só que aí, assim... agora que eu lembrei. Assim que eu passei na OAB, como eu tava com o joelho muito ruim, aí fui procurar meio que tratar direito, assim. Já que eu não tava com nenhuma obrigação, assim. Aí, eu fui a São Paulo num Instituto lá que eles tratavam, assim, dos atletas e tal.

O Vita.

O Vita. É. Aí, eu fui até lá. Um colega meu, assim, do esporte falou sobre eles. E, aí, eu fui. E, aí, eles me ajudaram e tal. “Olha se você quiser, assim...”. Aí, eles falaram “Olha, recomendo que você fique tratando aqui com a gente durante um tempo e tal.”. Aí, eu fiquei. Aí, no total, acho que deu assim uns três meses, eu lá em São Paulo. Porque até então eu tava muito ruim do joelho, assim. Tava com a musculatura fraca, o joelho doendo, eu não conseguia fazer nada. E, aí, tá. E, aí, engraçado como tudo tem assim, tudo tem seu tempo certo. Aí, eu fui e vim embora de São Paulo. Aí, nessa de estudar pra concurso. Então tá bom. Aí, surgiu o concurso na época da Polícia Federal, o edital, né? E, aí, assim, sinceramente nunca pensei em ser policial, nunca pensei em nada disso, assim. Só que eu falei “Ah, vou treinar.”, né? Porque concurso a gente tem que treinar, né? Então vou treinar. Aí, fui lá, me inscrevi pra treinar. Aí estudei o máximo que eu pude depois que eu me inscrevi, eu estudei, assim. Achei, assim, que a matéria jurídica dava pra estudar, e estudei. Aí, pra minha surpresa eu passei. Aí, eu passei e teve que fazer o teste físico. Aí, o teste físico já era correr, pular, fazer barra e natação. Eu falei “Meu Deus do Céu será que agora eu com esse joelho aqui, será que ele tá aguentando ou não tá?”. Pelo menos eu fiz os três meses lá, tratei e tô melhor. Aí, cheguei e tava dando continuidade ao tratamento. Aí, fui fazer o teste físico. Aí, assim, a corrida... na verdade as minhas duas maiores dificuldades, assim, era a corrida, justamente por causa do joelho, que era uma coisa que eu não podia ficar forçando muito, e o outro era a barra, que apesar de todo mundo achar “Ah, é ginasta. Você era atleta.”, mas não, gente, nunca fiz... nunca tinha feito uma barra na minha vida. E ralei muito, treinei muito, parecia que eu tinha voltado a ser atleta. Tive que treinar muito, porque como eu fiz meio assim, né? Eu não esperava passar, então eu não me preparei antes e aí do resultado até a priva física tinha um mês. Então, foi um mês que eu tive que treinar pra correr, que eu não corria nada mais, porque desde o meu problema no joelho fiquei muito tempo sem poder forçar desse jeito e a tal da barra lá. Mas, aí, no final, consegui também e aí passei. E, aí, hoje eu tô aqui. Hoje, atualmente, trabalho na Polícia Federal e tô morando no Mato Grosso, aqui em Cuiabá, esperando a hora de voltar pra casa ou então eu tô preferindo, no momento, passar em outro concurso e tal e também pro futuro voltar pra casa, mas a princípio tô estudando, mais uma vez.

Você contou de vários episódios relacionados com lesão, joelho. Como é que você lidava com a dor ao longo da tua carreira?

Eu acho que depois de um tempo a gente acostuma, sabe? E tinham dores que eu, assim, “Ah, tá doendo.”, mas eu nem lembrava que tava doendo, porque a gente acostuma, acostuma muito, assim, sabe? E, assim, você vive com medo, né? Assim, o medo de piorar, o medo de não aguentar, o medo de machucar mais, mas assim, depois de tanto tempo com isso, assim, passei alguns anos com isso, assim, então também eu já sabia quando eu podia me poupar, quando é a hora certa de forçar, sabe? E era mais ou menos assim. A dor em si, tipo, a gente acostuma. Então, assim, ela não era o problema maior, o problema era, assim, ela me impedir de fazer o exercício, sabe? Então, às vezes eu poupava o máximo que dava, assim, pra na hora... na hora sair, sabe? Era assim. Deus me ajudou muito, porque tinha coisas que assim.

E na hora você não... nem se lembrava de dor, de lesão?

Não. Na hora a gente não lembra de nada, nada, nada, nada. Nada mesmo, assim. Impressionante, você fica... Inclusive, essa vez ,antes da Olimpíada, que eu me machuquei, a gente fez umas duas competições, assim, quase que em seguida, duas ou três, acho que foram umas três. A gente competiu, aí competiu de novo, aí a gente ficou um tempo treinando na Bulgária. E, aí, durante esses treinamentos da Bulgária que eu me machuquei, assim. Eu não lembro... pra você ver que eu tava tão acostumada a isso, a doer, não sei o que...

Você não lembra o momento exato?

Não, não, assim, eu tenho uma leve lembrança do que pode ter sido, mas eu não tenho certeza. E, aí, a gente tava lá longe e , assim, não tinha como tratar. Eu até tentei fazer uma fisioterapiazinha meio fajutinha, assim, e tal. Deu uma ajudada. E era gelo, gelo, gelo. Não conseguia fazer nada, praticamente não conseguia andar direito e a técnica “Olha, não, você vai e faz aí o que dá.”. E eu lembro, assim, eu ficava... só corria de uma perna manca de um lado pro outro pra jogar os aparelhos, assim. E a gente ia ter uma competição uma semana depois. Outra competição. E essa vez foi quando eu cheguei e o médico falou que eu não podia fazer nada, nada, assim. Então, é porque o negócio tava muito ruim mesmo. E, aí, quando a gente chegou nessa competição uma das meninas machucou mesmo, tipo, de quebrar o braço, ou seja, não tinha reserva. Eu tinha que competir de qualquer jeito. E, aí, fui, assim, tomei uns remédios e gelo e tal, e rezei e fui, assim, sabe? Tanto que eu acabei o joelho tava, assim, muito inchado e tal. As meninas ficavam até meio assustadas, assim. Mas consegui e fiz lá o que tinha que fazer e quando cheguei o médico ficou horrorizado comigo e falou “Não. Você não pode fazer nada. Isso que você fez aí... Nossa, você correu o risco de, assim, de você ficar mais de um ano aí que você não ia poder fazer nada.”, sabe? Então, assim, eu acho que depois de um tempo a gente acostuma, sabe? Acostuma, não tem nem noção mais do que que é muita dor, pouca dor, sabe? Então, isso aí depois... Assim, atrapalhava, era um sofrimento, assim, porque... por essa coisa do medo, sabe? Você achar vai piorar, não vai, vou conseguir, não vou. Mas no final as coisas deram certo, assim. Quando era pra fazer na hora você esquece de tudo, você... ixi... acaba com o joelho, mas sai linda lá, sabe?

Quais são seus projetos?

Atualmente? Então, assim... Hoje eu tô nessa ainda estudando, concurseira, querendo coisas maiores, salários maiores, um trabalho, às vezes, que me satisfaça mais e tô nessa. E eu, até assim, fico com um pouco de dó, porque eu, realmente, tô bem afastada, assim, da ginástica, sabe? E, assim, a vida acabou me levando e tal. Mas, também, assim, talvez eu até poderia, às vezes, procurar, fazer um curso de árbitra, pra estar pelo menos nas competições, vendo e tal, mas eu preferia, assim, dar uma aquietada mesmo. E tô estudando. Eu até tenho, assim... às vezes eu fico, realmente, chateada, assim, de... no meu estado até que as pessoas me conhecer, assim, sabe? Eu até que tive uma certa visibilidade durante esse período do Pan e da última Olimpíada. Então, eu até gostaria de , às vezes, fazer um projeto, assim, sabe? Pra ajudar, descobrir talentos e tal, mas hoje, assim, enquanto eu tô nessa de morando longe, estudando e tal, então, isso tudo fica um pouco de segundo plano, mas eu ainda tenho, assim, essa vontade de...

O vírus não foi completamente exterminado.

É. Não. Não tem como, não tem. Cada vez que a gente vê uma competição...

Como é que foi pra você assistir os Jogos de 2012?

Olha, não foi fácil. Não foi fácil. A gente tava até... meu irmão tava morando fora e, aí, eu fui com meus pais, a gente foi visita-lo. Aí, a gente estava na Austrália e aí, a competição passava de madrugada. Mas eu falei assim “Não.”. Nossa, eu deixava todo mundo doida lá, porque eu falava que eu tinha que ver, que eu tinha que ver. Aí, ligava a televisão e ficava. Nossa. Mas, olha sinceramente, o mais emocionante de tudo pra mim, assim, lógico que eu via a ginástica rítmica, me imaginei lá, sofri, porque “Ai, meu Deus. Eu já vivi isso tudo.”, sabe? É difícil, não é fácil não. Mas, assim...

E o Brasil não foi em 2012.

Não foi. Exatamente. A falta de ver o Brasil lá, sabe? Também foi sofrido, assim. Só que a medalha do Arthur foi, assim... nossa, foi...

De lavar a alma.

Foi. Foi. Nossa, eu senti, assim. Eu até que não o conheço muito, porque ele é um pouco mais novo e tal, então as pessoas da ginástica artística da minha época, assim, são outras, mais o Diego mesmo que eu convivi bastante, mas o Arthur é mais novo, então, convivi bem pouco. Mas, Nossa Senhora, eu senti como se fosse, assim, irmã dele, assim, sabe? Fiquei muito feliz, muita emoção, assim, vibrei como se tivesse sido comigo, assim. Como se tivesse sido... sei lá.... com a ginástica rítmica do mesmo jeito, sabe? Foi sofrido, sabe? Confesso, assim. É estranho. Você vê e fala “Nossa... eu já... essa coisa grande, essa coisa, sabe, assim? Esse glamour todo, isso tudo aí que a gente tá vendo, eu já fiz parte disso, sabe? E a gente não tem noção do que é, sabe? Depois, olhando de fora, a gente tem um pouquinho mais de noção do que quando a gente tá dentro, sabe? Do que aquilo representa, sabe? Mas, foi bacana, assim, dá um sentimento de perda, assim e tal? É um sofrimento, mas passa.

É isso aí.

Falei demais, né?

Não. Não. Tá bárbaro, tá bárbaro. Tayanne, eu queria agradecer muito a tua colaboração, a tua participação, te desejar sucesso.

Obrigada. Pra vocês também. Tô torcendo pra ver esse projeto de vocês pronto logo, eu acho importante.

Obrigada.

Imagina.